

O médico que já não reconhece o seu país

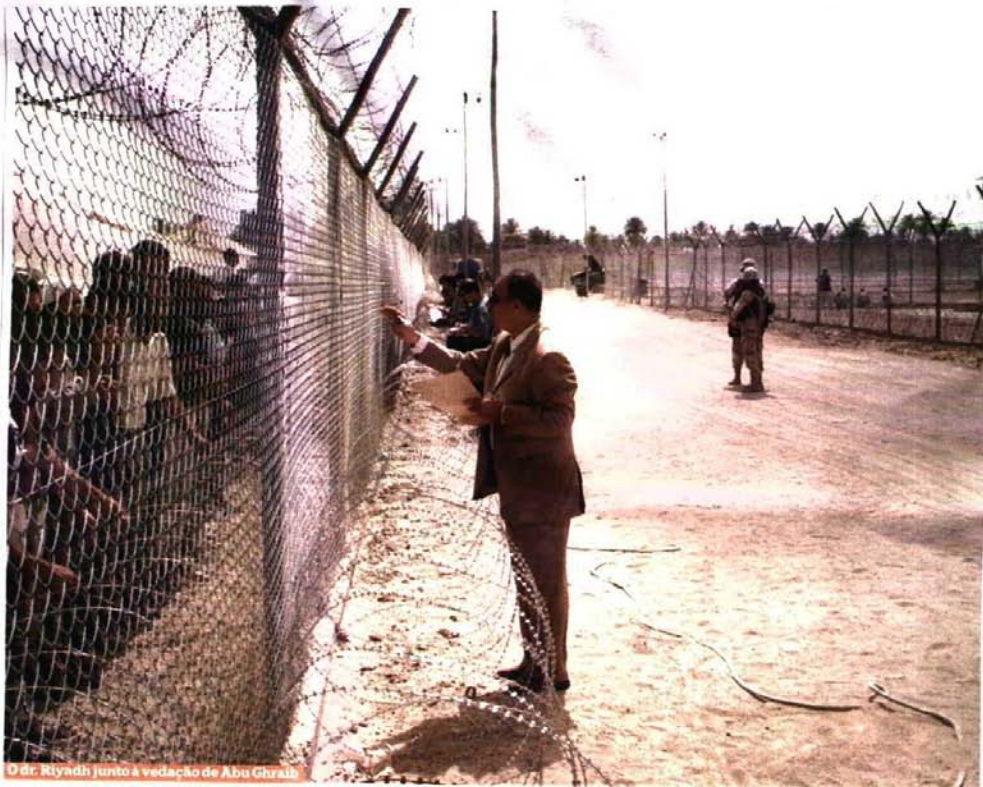
My Country, my Country, nomeado para o Óscar, é a guerra do Iraque filmada por uma americana na casa de um iraquiano. Onde a guerra faz menos sentido. Hoje no festival

Sofia Lorena

● Laura Poitras, norte-americana de Nova Iorque, decidiu que tinha de filmar o Iraque depois de ler um artigo na *New Yorker*. Quis fazer um filme sobre o seu país em guerra e sobre o país que o seu país ocupava, "algo que fosse além do debate político e mostrasse as pessoas". Pensou filmar americanos no Iraque, acabou a filmar iraquianos. Um iraquiano: *My Country, my Country* é o Iraque do dr. Riyadh, um médico que vive no bairro de Adhamiya, considerado o bastião sunita de Bagdad, que é ele próprio sunita e membro do Partido Islâmico.

O artigo da *New Yorker* descrevia os primeiros meses da ocupação, em 2003. Laura Poitras chegou a Bagdad quase no Verão de 2004. Depois das fotografias de Abu Ghraib e antes das eleições parlamentares de Janeiro de 2005. Descobriu o seu herói à porta de Abu Ghraib, a tentar fazer uma lista dos presos com problemas de saúde. Perguntou a um militar americano o que sabia dele. "A CIA pensa que é um dos maus", respondeu-lhe. Ela seguiu-o até ao dia das eleições. Ele é candidato ao conselho de governo de Bagdad e este é o seu quotidiano - a sua casa, a clínica onde dá consultas e dinheiro a quem precisa, as suas angústias.

"Um homem bom a tentar fazer a coisa certa", resume Poitras, ao telefone do Iémen. Terá sido por causa de Riyadh, explica, que o filme foi bem recebido nos EUA e "chegou aos dois lados do campo político". Aos convencidos, que são contra a guerra desde o início; aos que a defendem, mas querem saber mais; aos que apenas têm dúvidas.



O dr. Riyadh junto à vedação de Abu Ghraib

The Mall

Os palestinianos invisíveis de Israel

Filme conta a história de centenas de trabalhadores ilegais escondidos seis pisos abaixo do solo

Margarida Santos Lopes

● No subterrâneo de um centro comercial inacabado e abandonado no cruzamento de Geba, lugar a 15 minutos de Telavive também conhecido como "mercado de escravos", um homem lastima-se: "Quando vim para aqui a primeira vez, vi o inferno. (...) Quando subo as escadas de manhã, é como se emergisse de dentro de um túnel. (...) Quero viver".

O homem é um dos cerca de "450 a 500" trabalhadores palestinianos ilegais oriundos de várias aldeias da Cisjordânia e protagonistas de *The Mall*, curta-metragem do israelita Yonatan Ben Efrat, que hoje é exibida na competição internacional do festival DocLisboa.

O *mall* não tem água potável, electricidade, casas de banho. Tem um chão nauseabundo, água

insalubre onde corpos cansados repousam em colchões rasgados ou rezam sobre cartões desfeitos. Lanternas e fósforos iluminam as trevas, seis pisos abaixo do solo. Mãos trémulas taceiam tijolos, vigas, ferros retorcidos. Pés titubeantes saltitam para não cair em buracos fundos. Corpos frágeis esgueiram-se pelas esquinas, deslizando por plataformas de betão.

Julianne Moore na parede

De noite, estes homens são invisíveis. De dia, aparecem para enfrentar o perigo. E ele pode surgir na forma de um polícia ameaçador: "Se te apanho aqui, fico com o teu telefone e contigo", avisa um. "E para onde me leva?", pergunta o trabalhador sem licença de trabalho. "Para a prisão."

Num "aposento" alguém colocou um *poster* da actriz Julianne Moore. No meio de rostos crispados e



The Mall, de Yonatan Ben Efrat

da névoa de cigarros fumados com ardor, só o sorriso dela parece brilhar. "Os trabalhadores encontraram a foto na rua e usaram-na para decorar a parede", relata Efrat ao P2, por e-mail. "Nem sabem quem ela é, apenas que é uma rapariga bonita."

"Eu quis fazer um filme sobre imigrantes no seu próprio país", explica o cineasta, de 33 anos. "É uma pequena história sobre trabalhadores que tentam manter a dignidade nas piores condições de vida. Por um lado, Israel a precisar de mão-de-obra palestinianiana barata; por outro, a querer ver estes palestinianos para lá do muro de separação, dormindo no *mall* sem condições, fechados numa cave escura, sem que ninguém os veja."

O filme recorda que, até 1993, ano dos "acordos de paz" de Oslo, mais de dez mil palestinianos da

Riyadh (por segurança, Poitras nunca revela o seu primeiro nome), iraquiano de Bagdad, viu o seu país sucumbir à guerra e ao caos, e decidiu que tinha de tentar apanhar as pontas. Não deixou de fazer a coisa certa. O filme de Poitras tem a grandeza de mostrar como isso pode ser extraordinariamente difícil.

Vemo-lo então em Abu Ghraib, do lado de cá do arame. "Somos um país ocupado com um Governo marioneta", diz a um dos detidos na prisão das torturas. "Eles não podem suportar este tipo de castigo, são crianças", diz a um militar americano, depois de perceber que do lado de lá há um rapaz de nove anos. Nas reuniões do partido: "Se boicotarmos, seremos deixados nas margens a assistir." E a pedir a toda a gente que vote, numa altura em que um sunita podia ser morto por isso.

As mesmas dúvidas

Laura Poitras diz que escolheu Riyadh por ser um médico que se fazia ouvir e parecia chegar a todos, relacionar-se com todos, defender uns perante os outros. Só depois percebeu que é sunita e acredita nele só as mesmas de qualquer iraquiano a viver sem luz e com rockets de iraquianos e disparos de americanos. E porque todos podiam ter as dúvidas dele.

Mas ser sunita faz diferença. É verdade que no Iraque todos são alvos e vítimas. Mas não é igual viver a destruição do nosso país quando se passou décadas a sentir-se marginalizado. Os árabes sunitas, por mais que tivessem odiado Saddam, tinham sido, pelo menos oficialmente, protegidos pelo seu regime. Para eles, não é só o novo que país não faz sentido – é o anterior que fazia e deixou de fazer.

Só eles podem ouvir, como Riyadh ouviu da sua mulher: "O nosso país está perdido e tu és um dos que o perderam. Saddam destruiu-o e tu ficaste aí sentado."

My Country, my Country é também a aventura dos que tentaram levar a bom termo um processo eleitoral num cenário impensável. Riyadh,

claro. Mas ainda o responsável da ONU, para quem o essencial é que os iraquianos acreditem no processo. Ou o soldado para quem o importante é que o voto seja visto como um processo iraquiano. E até os *contractors*, os segurança privados a quem os EUA encarregaram de distribuir os boletins e garantir a segurança.

Um negócio de armas

Laura Poitras chegou sozinha ao Iraque e ali filmou sozinha durante oito meses. Foi protegida e ajudada por todos os que encontrou, com o que aconteceu a quem decide partir assim. "Posso usar o seu quarto para um negócio de armas?", ouviu a certa altura de um dos *contractors*. "São as coisas que nos acontecem", diz Poitras. Quando se parte assim, com disponibilidade e tempo, acontece até poder-se filmar essa negociação.

My Country, my Country tem tudo isto e ainda tem a música de Khadum al-Sahr, gravada para o filme. Poitras, que conheceu a música de Sahr em cada do dr. Riyadh e percebeu que este iraquiano (que saiu do país depois de 1991) é um herói no Iraque, decidiu pedir-lhe. Ele, que é uma estrela, disse que sim. "Foi fantástico. Para qualquer iraquiano é extremamente comover." Para ela também, diz.

"O meu país" também é a América que entretanto considerou a realizadora uma ameaça nacional sem ela saber porque ("é informação classificada") e lhe fotocopia cada folha de papel que transporta de cada vez que voa para casa.

Riyadh já deixou o seu país. "Decidiram sair no início do ano", conta Poitras. Ela voltou a deixar o seu. Está no lém a filmar uma das inquietações que já tinha quando partiu para o Iraque: Guantánamo, a prisão dos detidos da luta ao terrorismo, onde os imenitas são hoje o maior grupo.

My Country, my Country

De Laura Poitras. Cinema Londres, sala 2, hoje às 22h30. Repete dia 27 às 14h30 no cinema Londres, sala 2.

Cisjordânia e da Faixa de Gaza tinham empregos em Israel. Um bloqueio imposto após a Intifada de 2000 forçou muitos a entrar ilegalmente no Estado Judaico. Alguns são explorados por patrões sem escrúpulos. Outros são detidos, deportados, julgados, presos, denuncia o grupo israelita de direitos humanos B'Tselem. Actualmente, segundo a Organização Mundial do Trabalho, sete em cada dez famílias (2,4 milhões de pessoas) dos territórios ocupados vivem na pobreza, com menos de dois dólares por dia. O desemprego afecta 70 por cento da força activa.

"Quisemos mostrar como a ocupação se tornou parte da própria sociedade israelita", justifica Efrat. "É como um muro no estômago de Israel, porque estes trabalhadores do *mall* não estão por detrás do muro. Eles sentem-se em terra-de-ninguém."

Novo vídeo

Durante a rodagem, "estávamos todos muito nervosos, porque era um sítio assustador, muito escuro e sem ar fresco", afirma o realizador.

"Pedimos permissão para filmar todos os gestos. Fomos minimalistas, e tudo foi muito calculado. Demorámos quatro dias a filmar 12 minutos."

Agora, Efrat prepara um vídeo de 70 minutos sobre um dos protagonistas do *The Mall*. É um rapaz que recusa partilhar o mesmo piso do esconderijo com o seu pai, porque não suporta ver a sua humilhação. "Venderei o meu sangue e os meus órgãos para que os meus filhos nunca tenham de viver aqui", garante o jovem. Efrat está a filmá-lo, presentemente, a "tentar ganhar dinheiro suficiente para se casar com a noiva".

Todos os "refugiados" no cruzamento de Gêza foram detidos antes e após as filmagens. O director israelita mostrou-lhe o trabalho final, e ficou surpreendido: "Foi só ao verem o filme que, pela primeira vez, tiveram realmente medo do *mall*".

É fácil acreditar quando se ouviu um homem confessar: "Venho para aqui ao sábado à noite e fico até quinta-feira. Quando regresso a casa, na sexta, tenho saudades deste quarto".

Competição

Em busca do tempo perdido

Dia fortíssimo com *Retour en Normandie* e *Santiago*

Jorge Mourinha

● **Flashback 1:** em 1975, o cineasta francês René Allio instalou-se na região da Normandia para ali rodar *Eu, Pierre Rivière, Tendo Degolado a Minha Mãe, o Meu Irmão e a Minha Irmã...*, baseado num *fait-divers* real ocorrido no início do século XIX. Nicolas Philibert foi um dos assistentes de realização e percorreu a região fazendo *repérages* de exteriores e um *pré-casting* dos habitantes – porque Allio quis entregar todos os papéis principais a residentes locais sem experiência de actor.

Flashback 2: em 1992, após o abandono definitivo da casa da família, o documentarista brasileiro João Moreira Salles (irmão de Walter Salles) filma durante cinco dias as recordações de Santiago Benedetti Merlo, o antigo mordomo da casa, mas abandona o projecto durante a montagem.

Flash-forward 1: em 2006, Nicolas Philibert, que, nos 30 anos decorridos desde a rodagem, se tornou num dos mais respeitados documentaristas franceses, refaz o seu percurso de 1975, percorrendo a Normandia para descobrir o que é feito desses actores e atrizes de ocasião que, com uma excepção, continuaram as suas vidas rurais pacatas.

Flash-forward 2: em 2006, 12 anos depois da morte de Santiago, João Moreira Salles regressa ao material que filmou em 1992 para uma nova tentativa de o montar.

De maneiras diferentes, *Retour en Normandie* e *Santiago* são belíssimos exercícios de resgate da memória. Nos diários de René Allio, o realizador (falecido em 1995) dizia que a sua intenção com *Eu, Pierre Rivière...*, era resgatar ao esquecimento momentos da vida de gente normal que de outro modo se perderiam para sempre. É precisamente isso que Nicolas Philibert faz com *Retour en Normandie*: resgata ao esquecimento os actores que seguem com as suas vidas, até mesmo aqueles que apenas tiveram figuração, acompanhando alguns no seu trabalho quotidiano, e o filme de Allio, do qual vai intercalando cenas. Para tudo terminar num comento plano (que não se vai revelar aqui) onde Philibert diz qual a verdadeira razão que o levou a fazer este bellissimo documentário dobrado de homenagem e confessional, feito com um enorme amor pelo cinema e por quem o faz.

Amor pelo cinema sente-se também em *Santiago*, que cita abertamente Werner Herzog, Yuzujiro Ozu e Vincente Minnelli. Mas o filme de João Moreira Salles prefere desconstruir a forma tradicional do documentário, transformando um mero registo de memórias numa espécie de *requiem* desintegrado pelo tempo perdido, pontuado a negros, imagens sem som, sem sem imagens, longos planos abstractos.

Retour en Normandie, de Nicolas Philibert



Santiago, de João Moreira Salles



Hoje, Salles lamenta ter filmado *Santiago* de uma maneira distante que mantém sub-repeticamente intacta a relação patrio/empregado que partilharam durante 30 anos. Esta montagem de *Santiago* (definida como "uma relexão sobre o material em bruto") é uma espécie de redenção, com o realizador a penitenciar-se por ter querido "dirigir" *Santiago* enquanto personagem mais do que ser humano, e a compreender tarde de mais que a realidade resiste a ser ficcionada – sobretudo quando o seu sujeito, este mordomo que se tornou numa espécie de repositório da alta cultura universal e guardião de uma sáboria aristocrática, é uma figura que já estava fora do tempo em que viveu. *Santiago* é, à sua imagem, um filme fora do tempo e fora das regras.

A força do sexo fraco

É o parceiro ideal na competição do Doc para o estuendo documentário de Rithy Panh *Le Papeir Ne Peut Pas Envelopper la Braise* que é exibido hoje: *These Girls* não fala de prostitutas, mas fala das adolescentes da baixa do Cairo, sobrevivendo como podem sozinhas ou com os seus filhos (alguns deles bebês) de relações ocasionais ou de namorados presos, dormindo na rua ou em lojas abandonadas. Mas o filme da egípcia Tahani Rached é tudo menos mais um exercício de bom

coração sobre a miséria urbana, mas sim uma extraordinária afirmação de vida que trata estas miúdas como gente com a energia urgente do melhor *cinéma-vérité*. Tata, Maryam ou Abeer podem cheirar cola, serem ameaçadas de rapto ou violação ou agredidas pelos familiares que isso não as impede de resmungarem, virar-se à porrada aos polícias e sobreviverem com a maior das forças. A vida não é uma festa para estas miúdas, mas elas aproveitaram o melhor que podem e sabem.

DOCLISBOA – Competição Internacional

These Girls (Egipto, 2006, 1h06), de Tahani Rached, acompanhado pela curta de Yonatan Ben Efrat *The Mall*. Cinema Londres, Avenida de Roma, 7A, Sala 1, hoje às 20h30. Repete na quarta-feira (24), às 14h30, na Culturgest, Rua do Arco do Cego, Grande Auditorio. *Retour en Normandie (França, 2006, 1h48)*, de Nicolas Philibert. Culturgest, Grande Auditorio, hoje, às 21h00. Repete amanhã, às 16h30, no Cinema Londres, Sala 1. *Santiago (Brasil, 2006, 1h19)*, de João Moreira Salles, acompanhado pela curta de Marcin Souter *The First Day*. Culturgest, Grande Auditorio, hoje, às 23h00. Repete na segunda (22), às 18h30, no Cinema Londres, Sala 1. Bilhetes a €2,50.